

**“DESEJEI ARDENTEMENTE COMER ESTA
PÁSCOA CONVOSCO”:
O relato lucano da última ceia (Lc 22,1-20)**

*Donizeti Aparecido Pugin Souza**
*Ildo Perondi***

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em analisar o relato da última ceia de Jesus no evangelho segundo Lucas (22,1-20). Partindo de uma abordagem do significado das refeições para o povo judeu, buscando situar a ceia pascal de Jesus na esteira daquilo que ela significava para os seus, chega-se às particularidades do relato lucano da ceia de despedida de Jesus. Na perícopa lucana da ceia (22,1-20), foram identificados e apresentados na presente pesquisa, três elementos evidenciados pelo evangelista: o protagonismo de Jesus, a personificação do mal em Judas e a dimensão escatológica da ceia pascal. Na análise desses elementos, buscou-se situá-los na continuidade da teologia do Antigo Testamento, especialmente no que diz respeito à teologia pascal do Povo de Israel. Como continuador da História do Povo Eleito e realizador de suas promessas, Jesus assume seu messianismo e manifesta a novidade da sua mensagem à humanidade. A ceia pascal de Jesus retoma e atualiza o triplice simbolismo da ceia pascal judaica: a iniciativa salvífica de YHWH, o combate da vida com a morte e a memória pascal que se abre à expectativa do Reino do Messias.

Palavras-chave: *Ceia pascal; Memória; Messianismo; Escatologia; Lucas.*

Abstract

The main of this paper consists in analyzing the account of Jesus' last supper in the Gospel according to Luke (Lk 22:1-20). Starting from an approach of the meaning of meals for the Jewish people, seeking to situate Jesus' Passo-

* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

** Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma e Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Professor de Sagradas Escrituras e no Programa de Pós-Graduação em Teologia (PPGT) na PUCPR.

ver meal in the wake of what it meant to their, we get to the particularities of Luke's account of Jesus' last supper. In Luke's passage about the supper (Lk 22:1-20), three elements evidenced by the evangelist were identified and presented in the present research: The protagonism of Jesus, personification of evil in Jude and eschatological dimension of Passover meal. In the analysis of these elements, we seek to situate them in the continuity of Old Testament theology, especially with regard to paschal theology of the people of Israel. As an inheritor of the History of the Chosen People and the fulfillment of his promises, Jesus assumes his messianism and manifests the newness of his message to humanity. The Passover meal of Jesus resumes and updates the triple symbolism of the Jewish Passover meal: the salvific initiative of YHWH, the combat of life with death and the paschal memory that opens up to the expectation of the Messiah's kingdom.

Keywords: *Passover meal; Memory; Messianism; Eschatology; Luke.*

1. Introdução

A obra lucana (Evangelho e Atos) foi escrita em um contexto helênico, por volta dos anos 80-85 d.C., para um público seletivo de gentios, e tem por escopo apresentar Jesus na continuidade da tradição judaica, principalmente, como aquele que dará novo significado à fé e aos costumes de seu povo (KARRIS, 2011, p. 219). É nesse sentido que a releitura da ceia pascal de Jesus em relação com a ceia pascal dos judeus se faz pertinente.

O objetivo da presente pesquisa é o estudo e a análise do texto do evangelho de Lucas 22,1-20, onde o autor sagrado narra os preparativos e a celebração da última ceia de Jesus com seus discípulos, na véspera de sua morte. Assim como nos demais evangelhos sinóticos (Mt 26,17-29; Mc 14,12-25), Lucas situa a última ceia no contexto de uma ceia pascal judaica, na qual institui o memorial de uma nova Páscoa, inaugurada em sua morte e ressurreição.

Uma das intenções do presente trabalho consiste em destacar essa intenção de Jesus de atualizar e ressignificar o evento pascal, partindo da mudança dos seus ritos memoriais. Desde a constatação da última ceia como uma ceia pascal, é possível ler esse evento pascal em continuidade – e não simples superação ou substituição – com a Páscoa dos judeus.

Antes de dar atenção às particularidades do relato lucano, será feita uma retomada da importância das refeições dos judeus, enfatizando-a para a vida e a fé do povo eleito. Em seguida, por meio de um quadro sinótico, constata-se a relativa proximidade entre os relatos dos evangelistas sinóticos e do apóstolo Paulo na Primeira Carta aos Coríntios. Dessa análise comparativa, parte-se para a explanação daquelas que se entende que sejam as particularidades do texto e da

teologia lucana. Os três elementos evidenciados por Lucas em sua narrativa foram lidos em paralelo com a teologia do Êxodo, de modo a demonstrar a hipótese de que há uma relação íntima entre a elaboração do relato lucano da última ceia e a narrativa da Páscoa dos judeus, conforme o livro do Êxodo.

Não será objeto deste trabalho uma análise mais profunda de alguns aspectos importantes para a exegese dos relatos sobre a última ceia, como as diferenças entre os relatos sinóticos e o joanino ou a origem histórica do texto lucano e sua relação com o relato paulino, dentre outras discussões relevantes para o estudo dessa perícopes. Contudo, é possível inteirar-se dessas teorias por meio da excelente síntese feita por J. Jeremias no primeiro capítulo de sua obra *La ultima cena* (1980) que é recomendada aos que desejam aprofundar o tema.

2. O valor simbólico das refeições

No conjunto da obra lucana, são encontrados dois elementos que lhe são característicos e que são considerados relevantes para o presente estudo. Em primeiro lugar, a utilização da simetria na construção literária do seu evangelho. A narrativa lucana da ceia pascal de Jesus se constrói numa simetria quase idêntica ao relato da ceia pascal judaica (Ex 12). Tal simetria evidencia a continuidade da história da salvação por meio das ações de Jesus, como veremos adiante.

Outro elemento característico da narrativa lucana é a intenção do autor em convencer seu leitor da mensagem que anuncia. Lucas não pretende fazer uma simples narrativa, um relato dos ditos e feitos de Jesus de Nazaré, mas tem por objetivo a transmissão de um “projeto divino que, todavia, segue atuando no presente do leitor e caminha até sua plena realização no futuro” (MONASTERIO; CARMONA, 2000, p. 291). Essa culminância escatológica do anúncio evangélico será objeto particular desta pesquisa.

2.1. As refeições dos judeus e as refeições de Jesus

Um primeiro resultado que se constata corresponde à importância antropológica e teológica das refeições tomadas em comum pelo povo judeu. A compreensão da ceia de despedida de Jesus pressupõe a familiarização com o significado dessas refeições sagradas. Para os judeus, a refeição compartilhada pertence também à esfera do sagrado, uma vez que à comunhão de mesa corresponde a comunhão de vida (DALMAN, G. *Arbeit und Sitte in Palästina*. VIII, 1942, p. 220 *apud* JEREMIAS, 1980, p. 223).

As refeições sagradas estão ligadas a festas religiosas, como Páscoa e Pentecostes; ao exercício do culto, como as ceias de comunhão no átrio do Templo, depois do sacrifício; à observância da lei, como a refeição por ocasião do início do sábado; e ainda a circunstâncias especiais da vida familiar, como a circuncisão, o matrimônio, os funerais, etc. (LEON-DUFOUR, 1983, p. 32-33).

Segundo o historiador Flávio Josefo (1961, p. 34) o próprio imperador romano Caio César reconhece a importância religiosa das refeições dos judeus, permitindo-as quando proibiu as associações e refeições comuns em Roma, por medo da insurreição de movimentos revolucionários. Essa permissão, segundo Léon-Dufour (1983, p. 33), evidencia o caráter sagrado dessas refeições, respeitado até pelas autoridades romanas.

Contudo, os evangelistas – especialmente Lucas – nos deixam transparecer que tais refeições eram também ocasião de exclusão. Na mesa dos ricos e dos fariseus não havia lugar para os pobres e pecadores (Lc 5,29-32; 7,36-39; 14,12-14; 15,1-2; 16,1-31 e par.). A prática de Jesus, contudo, rompe com essa exclusão (JEREMIAS, 1980, p. 223-224). Ele senta-se com os pobres e pecadores, gesto que simboliza a comunhão de vida que pretende estabelecer com eles, a quem “veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). Ao seu lado não estão os maiores, mas aqueles que partilharam de seu cálice, do mesmo destino que ele (Mt 20,20-28 e par.). À sua mesa no Reino de Deus, os humildes serão exaltados e os orgulhosos, humilhados (Lc 5,29-31; 13,25-30; 14,7-11; 22,24-30 e par.) e os que, na terra, promoveram a divisão, não se sentarão à sua mesa (Lc 13,25-30 e par.).

As várias refeições de Jesus narradas pelos evangelistas se revestem dessa dimensão religiosa comum à tradição judaica, mas, ao mesmo tempo, manifesta uma novidade, caracterizada por sua presença. Segundo Montcheuil (1936, p. 5 *apud* DANIÉLOU, 2013, p. 173), as refeições diárias de Jesus são como que sacramentais, pois manifestam e realizam a presença de Deus no meio dos seus.

Os primeiros cristãos entenderão que, a partir de então, suas refeições em comum devem ser ocasião de acolhida e não de exclusão (At 2,42-47; 4,32-35; 6,1-6). É por essa razão que Paulo advertirá a comunidade de Corinto (1Cor 11,17-34), por exemplo. Ao partir o pão, em memória do Senhor, os cristãos dos primeiros séculos se sentirão obrigados a partir também o pão entre si, especialmente com os pobres, as viúvas e os órfãos, como relata Justino (1995, p. 83) na sua Primeira Apologia.

Já entre os judeus, a fração do pão se constituirá como o gesto ritual simbólico dessa comunhão de mesa e de vida. Com esse gesto, o chefe da família tomava um pão (de farinha ou de cevada, redondo e plano), pronunciava uma bênção, o partia à vista de todos (com as mãos, sem outros instrumentos) e distribuía aos comensais, que respondiam com um *Amém*. Esse rito possuía um poder performativo, pois formava a comunhão entre os comensais (aqueles que receberam uma fração do pão) e deles com YHWH, que se fazia presente à mesa (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 37). Essa estrutura e simbolismo serão acolhidas e ressignificadas pelos cristãos primitivos, nos relatos da última ceia (Mt 26,26; Mc 14,22; Lc 22,19), na catequese paulina sobre a Eucaristia (1Cor 10,17) e nos escritos dos Santos Padres (DANIÉLOU, 2013, p. 152-153).

A última ceia de Jesus, contudo, distingue-se das suas refeições cotidianas, transmitidas pelos evangelistas. Nesta, tomam parte – segundo os autores – apenas o grupo dos Doze (Mt 26,20; Mc 14,17; Lc 22,14). É por ocasião de uma refeição íntima com os seus que se dá a ceia de despedida de Jesus. Os evangelistas a situam no contexto de uma ceia pascal, que se fazia nas casas, com o cordeiro imolado no Templo, e, ao mesmo tempo, como uma renovação da aliança, ligando-a com a memória do Sinai (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 63). É, ao mesmo tempo, memória da Páscoa e de Pentecostes.

2.2 . Quadro comparativo da Última Ceia nos sinóticos

Tendo compreendido o sentido sacro das refeições judaicas, passa-se à análise crítica dos relatos da última ceia. Para isso, será elaborado um quadro sinótico comparativo dos quatro relatos presentes no Novo Testamento (Mt, Mc, Lc e 1Cor). Não se pretende realizar a análise literária estrita dos relatos, mas apenas sua sequência narrativa, razão pela qual será apresentado um quadro comparativo da ordem narrativa dos relatos. Não foi incluído o relato joanino por não tratar especificamente da instituição da Eucaristia no contexto da ceia pascal (Jo 13,1-30).

Tabela 1: Quadro sinótico dos relatos da Ceia Pascal de Jesus, de nossa autoria.

Mt 26,3-30	Mc 14,1-26	Lc 22,1-39 ³	1Cor 11,23b-26
vv. 3-5 Conspiração contra Jesus	vv. 1-2 Conspiração contra Jesus	vv. 1-2 Conspiração contra Jesus	
vv. 6-13 Jantar em Betânia	vv. 3-9 Jantar em Betânia		
vv. 14-16 Traição de Judas	vv. 10-11 Traição de Judas	vv. 3-5 Traição de Judas	
v. 17a 1º dia dos Ázimos	v. 12a 1º dia dos Ázimos	v. 7 1º dia dos Ázimos	
vv. 17b-19 Preparativos para a ceia pascal	vv. 12b-16 Preparativos para a ceia pascal	vv. 8-13 Preparativos para a ceia pascal	
v. 20 Início da ceia pascal	v. 17 Início da ceia pascal	v. 14 Início da ceia pascal	
		vv. 15-18 Anúncio escatológico	
			v. 23b Anúncio da traição

1. Embora o núcleo desta pesquisa corresponda à perícopa Lc 22,1-20, em que se dá o núcleo do relato da ceia, julgou-se por bem ampliar a análise sinótica comparativa até o versículo 39.

vv. 21-24 Anúncio da traição	vv. 18-21 Anúncio da traição		
v. 25 Revelação do traidor			
v. 26a Ceia pascal	v. 22a Ceia pascal		
v. 26b Gestos e palavras sobre o pão	v. 22b Gestos e palavras sobre o pão	v. 19a Gestos e palavras sobre o pão	vv. 23b-24a Gestos e palavras sobre o pão
		v.19b Mandato memorial	v. 24b Mandato memorial
		v. 20a Ceia pascal	v. 25a Ceia pascal
vv. 27-28 Gestos e palavras sobre o cálice	vv. 23-24 Gestos e palavras sobre o cálice	v. 20b Gestos e palavras sobre o cálice	v. 25b Gestos e palavras sobre o cálice
			v. 25c Mandato memorial
v. 29 Anúncio escatológico	v. 25 Anúncio escatológico		v. 26 Anúncio escatológico
		vv. 21-23 Anúncio da traição	
		vv. 24-28 Discurso de despedida	
v. 30a Canto do <i>Hallel</i>	v. 26a Canto do <i>Hallel</i>		
v. 30b Saída para o monte das Oliveiras	v. 26b Saída para o monte das Oliveiras	v. 39 Saída para o monte das Oliveiras	

A estrutura narrativa dos relatos sinóticos da ceia é, respeitadas as devidas particularidades do relato paulino, mais resumida, porém muito parecida. Serão destacados alguns desses elementos comuns:

- a) Todos os relatos são precedidos pela menção à conspiração das autoridades judaicas e o complô traidor de Judas com eles, seja de modo explícito ou implícito (como no relato paulino).
- b) O mesmo se dá quanto ao contexto temporal em que essa refeição é situada: aproxima-se a Páscoa. Por ocasião desta, alguns discípulos se adiantam para preparar o lugar da ceia e providenciar o que for preciso para realizá-la. Ao cair da tarde/na noite do primeiro dia dos Ázimos, Jesus senta-se à mesa com os Doze, incluindo Judas, o traidor.
- c) Enquanto estavam reunidos, Jesus toma o pão, pronuncia a bênção, parte-o e distribui aos seus. Depois, toma o cálice com vinho, pronuncia a

bênção e o distribui para que bebam. Esses gestos são acompanhados por palavras que os relacionam com a pessoa de Jesus (“Isto é o meu corpo... meu sangue”), seu destino (“corpo entregue... sangue derramado”) e com sua Páscoa (“sangue da Nova Aliança”). Em razão da delimitação desta pesquisa, não serão abordadas as particularidades desses gestos e palavras, o que mereceria uma pesquisa própria.

- d) Durante a ceia, Jesus profere dois anúncios: o de sua traição (e consequente presença do traidor junto a eles) e do banquete escatológico do Reino, onde ele tornará a beber do “fruto da videira”. Mais adiante serão abordados esses dois anúncios na perspectiva lucana.
- e) Ao fim da ceia, depois de ter cantado os salmos do *Hallel* (Mt e Mc) ou feito um discurso de despedida (Lc), Jesus se retira com seus discípulos para o monte das Oliveiras, onde permanecerá em oração até que cheguem os guardas que o prenderão.

3. Análise teológica

A partir da análise dos quatro relatos, foi possível destacar três elementos exegéticos que podem ser percebidos e que são relevantes para esta pesquisa. Esses três elementos dizem respeito à organização da perícopos lucana que, embora conserve os mesmos elementos dos demais relatos, especialmente o de Mateus e de Marcos, faz significativas inserções em momentos diferentes. A escolha deuse, particularmente, pelos elementos que o relacionam com o relato do êxodo do Egito, no Antigo Testamento.

4.1 O protagonismo de Jesus

O primeiro elemento característico da narrativa lucana da última ceia consiste no protagonismo de Jesus em sua Páscoa. Por duas vezes, Lucas evidencia a iniciativa de Jesus: é ele próprio quem envia os apóstolos a preparar a ceia pascal (22,8) e, ao sentar-se com eles para a ceia, manifesta seu contentamento e desejo de celebrar sua Páscoa com os seus: “Desejei ardentemente² comer esta páscoa convosco antes de sofrer” (22,15b). A morte de Jesus não é, para Lucas, um fracasso, mas a inauguração do reinado de Jesus, razão pela qual ele mesmo toma a iniciativa de preparar a sua Páscoa. Segundo Fabris e Maggioni (2006, p. 217), tal iniciativa é mais um elemento empregado por Lucas para destacar o poder e senhorio de Jesus, o verdadeiro Messias prometido a Israel.

2. No original, lê-se: *ἐπιθυμία ἐπεθύμησα*. Esse emparelhamento do verbo com o substantivo é semelhante ao infinitivo absoluto hebraico, que se equivaleria a: *tenho desejado com ansiedade* (ZERWICK; GROSVENOR, 2008, p. 322 e MARSHALL, 1978, p. 795).

Léon-Dufour (1983, p. 81.93-94) chama a atenção para a passividade dos discípulos nessa perícopa. Durante todo o relato da ceia, dos vv.14 a 22, Lucas não menciona nenhum gesto ou palavra da parte deles. Se olharmos com atenção, veremos que os discípulos agem antes e depois da ceia, para prepará-la e indagando-se sobre quem seria o traidor e, mesmo nessas duas ocasiões, o fazem em resposta a uma interpelação do mestre. Léon-Dufour (1983, p. 93) sugere, inclusive, que os discípulos não comeram nem beberam do pão e do vinho, simbolizando o aspecto memorial e escatológico do mandato eucarístico.

Ao analisar os gestos de Jesus na ceia, Léon-Dufour (1983, p. 80ss) divide-os em três eixos, colocando-o como mediador entre YHWH e a criação, entre os discípulos e o Pai, e entre o passado e o futuro. Sob essa ótica, o protagonismo de Jesus se manifesta intimamente ligado com o protagonismo de Moisés, por ocasião da Páscoa dos judeus, como será abordado a seguir.

O primeiro eixo (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 83-87) situa Jesus em relação à criação. Na ceia, ele tomou pão e vinho, frutos da criação e do engenho humano; Moisés prescreve o pão ázimo na ceia que antecede a fuga do Egito (Ex 12,8.15-20) e a tradição judaica inserirá o vinho na ceia pascal anual em memória do sangue do cordeiro, que poupou os seus primogênitos na noite da Páscoa (Ex 12,21-28). Assim como o pão e o vinho, também a água é mediação de salvação pascal para o povo hebreu, manifestando o poder de YHWH e o protagonismo mediador de Moisés, que divide as águas do mar dos Juncos (Ex 14,16.21).

O segundo eixo do protagonismo de Jesus (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 87-97) se percebe na relação que estabelece com os discípulos e, por ele, ao Pai. Jesus fez dos Doze um grupo de discípulos e continuadores de sua missão. O mandato memorial dos gestos eucarísticos, presente nos relatos lucano e paulino, insere-os no plano salvífico de Deus. O mesmo é prefigurado na história do Povo de Israel, especialmente na relação de Moisés com seu povo. Assim como Jesus o fará, Moisés, enviado por YHWH (Ex 3-4), aproxima-se de seu povo (Ex 4) e enfrenta o faraó (personificação do mal, (como será visto adiante) para libertá-los (Ex 5).

Após a passagem pelo mar, o protagonismo mediador de Moisés continua no deserto (Ex 15,22-27), até que ele distribui seu espírito aos 70 anciãos (Nm 11,24-30) e, no final de sua vida, sobe à montanha para morrer (Dt 34,1-12). De lá, ele contempla a Terra Prometida em herança a seu povo. A tradição patrística verá, também na morte de Moisés, uma prefiguração da morte de Jesus: sozinho, no alto do monte, morre contemplando a promessa de YHWH realizando-se no seu povo que, agora, pode entrar no Paraíso, a Terra Prometida (FORTE, 2012, p. 46). Compete a Josué (Js 1,1), assim como aos Doze, o ministério da liderança do Povo de Deus em direção ao futuro escatológico (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 101).

O terceiro eixo destacado por Léon-Dufour (1983, p. 97-100) situa Jesus no presente soteriológico, unindo, com seus gestos, a memória do passado (que, no caso de sua paixão, morte e ressurreição, se dará no presente) e a expectativa

do futuro. Segundo aponta Léon-Dufour (1983, p. 89), as palavras de Jesus dão novo sentido aos gestos cotidianos das refeições judaicas, de modo que se revestem de um efeito memorial salvífico. Dominando o tempo, Jesus antecipa sua morte e prefigura a sua ressurreição e a dos seus discípulos, no Reino de Deus (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 93).

O evento pascal do Antigo Testamento também se reveste desse caráter memorial atemporal. A passagem pelo mar dos Juncos é antecipada ritualmente por uma ceia memorial (Ex 12,1-20) que, após a Páscoa, servirá de memorial salvífico e escatológico do evento pascal (Ex 12,42-50). Aldazábal (2002, p. 295-300) faz uma competente explanação acerca da apropriação da tradição cristã primitiva do evento pascal judaico em vista de uma compreensão teológica da páscoa de Jesus.

Segundo Leenhardt (1948, p. 21), a refeição pascal judaica era marcada pela lembrança da redenção, já realizada nos sinais sacramentais da ceia, e pela espera de uma nova redenção, realizada definitivamente e cuja ceia antecipa ritualmente. Do mesmo modo, a ceia pascal de Jesus comporta as mesmas dimensões de lembrança e de espera, tendo como evento presente a paixão, morte e ressurreição de Jesus e, como meta, o banquete escatológico no Reino de Deus.

4.2 *A presença personificada do mal*

Além da iniciativa redentora de Jesus, Lucas apresenta a iniciativa maléfica de Judas de conspirar com os chefes dos sacerdotes e escribas, a fim de prender Jesus:

¹Aproximava-se a festa dos Ázimos, chamada Páscoa. ²E os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam de que modo eliminá-lo, pois temiam o povo. ³Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, do número dos Doze. ⁴Ele foi conferenciar com os chefes dos sacerdotes e com os chefes da guarda sobre o modo de lho entregar. ⁵Alegaram-se e combinaram dar-lhe dinheiro. ⁶Ele aceitou, e procurava uma oportunidade para entregá-lo a eles, escondido da multidão (Lc 22,1-6).

Ao contrário de Lucas, Mateus e Marcos inserem um intervalo entre a conspiração dos chefes e a oferta de Judas. Neste ínterim, acontece o jantar em Betânia (Mt 26,6-13; Mc 14,3-9), em que os discípulos são confrontados por Jesus ao condenarem a atitude da mulher que lavou os pés de Jesus com perfume. Ao mencionar, imediatamente após esse fato, o encontro de Judas com os chefes dos sacerdotes, Mateus e Marcos dão a entender que ele foi movido por algum descontentamento com as práticas de Jesus.

Lucas, contudo, não retrata o episódio do jantar em Betânia, apresentando a traição de Judas como resposta imediata ao desejo dos chefes dos sacerdotes

e escribas de matar Jesus (MARSHALL, 1978, p. 787). Se Mateus e Marcos levam a associar o jantar em Betânia com a traição de Judas, apenas Lucas apresenta como motivação de Judas a influência maligna: “Satanás entrou em Judas” (22,3a) e, movido por ele, vai aos chefes e trama a prisão de Jesus. A morte de Jesus, portanto, assume uma dimensão teológica, fugindo a uma especulação puramente política acerca das causas de sua morte. Sua morte não é fruto de um acidente político ou religioso, mas do conflito com os poderes do mal (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 215).

É de particular importância o fato dos evangelistas – especialmente Lucas – situarem a circunstância da traição e a presença de Judas à mesa com Jesus. Por ocasião da ceia pascal – a refeição mais importante para os judeus – a presença de um comensal traidor é inadmissível e escandalosa (Sl 41,10). Judas não apenas se põe à mesa, mas toma parte na refeição (Mt 26,23 par.; Jo 13,27). Nele se faz presente, portanto, a figura demoníaca, diabólica, que divide, que produz a morte. Para Lucas, Judas “tornou-se um traidor” (Lc 6,16; At 1,16); ele foi chamado para compor o grupo dos Doze, como os demais, porém deliberadamente assumiu o papel de entregar Jesus.

É significativo que apenas Mateus apresenta a denúncia de Judas como o traidor à mesa (Mt 26,25), enquanto que Marcos e Lucas não o nomeiam como tal. Na sutileza dessa questão está contida a crença de que a figura de Judas é apenas circunstancial, uma vez que ele atua como instrumento dos poderes do mal, que provocam a morte de Jesus. Tal como o faraó (Ex 14,5.8), que teve o coração endurecido por YHWH e, por isso, põe a termo a perseguição aos hebreus em fuga, no relato lucano, Judas aparece como sujeito passivo dessa traição, que, possuído por Satanás, vai ao encontro dos chefes dos sacerdotes e os chefes da guarda para entregar Jesus (Lc 22,3-6).

4.3 Dimensão escatológica da Última Ceia

Essa presença do mal nos relatos pascais do Êxodo e de Lucas se mostra importante à medida em que considerarmos o terceiro elemento que distingue o relato lucano dos demais. A dimensão escatológica da Ceia da Nova Aliança, que se cumprirá no Reino de Deus, aparece nos quatro relatos. Contudo, apenas Lucas a situa antes da instituição da Eucaristia:

¹⁴Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos ¹⁵e disse-lhes: ‘Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer; ¹⁶pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus’. ¹⁷Então, tomando um cálice, deu graças e disse: ‘Tomai isto e reparti entre vós; ¹⁸pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus’ (Lc 22,14-18).

Segundo Fitzmyer (2006, p. 321), isso se dá em razão de que Lucas buscava associar essa promessa à esperança messiânica dos judeus – evocada pelo rito do *Hallel*, em que se bebe o quarto copo de vinho, após bendizer a YHWH pelo fruto da videira e pedir que sejam saciados na Jerusalém eterna, quando vier o Messias (FRIDLIN, 1993, p. 50) –, mostrando que a ceia pascal de Jesus, a Eucaristia, deve ser compreendida em continuidade com a ceia pascal judaica.

Ao colocar a menção ao Reino de Deus ao final da ceia, após a oferta do cálice da Nova Aliança, Mateus, Marcos e Paulo nos mostram que a ceia de Jesus substitui a ceia judaica, modificando-a em sua estrutura. Já Lucas, ao situar a instituição da Eucaristia após o rito do *Hallel*, quer apresentá-la como continuidade e aperfeiçoamento da verdadeira Páscoa, prefigurada na libertação do Egito.

Jesus, segundo Lucas, celebrou pela última vez o êxodo do Egito e recordou a redenção de Israel. Ao passar pela morte e alcançar a ressurreição, Jesus espera o Reino de Deus que se estabelecerá no final dos tempos, quando tomará parte na última Páscoa, que haverá chegado a seu cumprimento (BOVON, 2010, p. 289). Para nos consolar nesse tempo de espera da verdadeira fartura, que só teremos no Reino do Pai, Jesus institui a Eucaristia, pela qual nos é posta – em sinal prefigurativo – a mesa do banquete escatológico do Reino, a Páscoa em sua completude (JEREMIAS, 1974, p. 975).

A ênfase própria de Lucas no caráter escatológico da ceia pascal, se verifica pela dupla menção ao banquete futuro (22,16.18). A refeição pascal é prefiguração da salvação futura que virá, que a libertação do Egito é figura, aponta-nos Jeremias (1980, p. 225). O Messias virá, segundo uma tradição judaica mencionada por São Jerônimo (*Commentarius in evangelium Mathaei IV*), à meia-noite, assim como se deu quando se celebrou a Páscoa no Egito. O antigo poema pascal das Noites da Salvação anuncia, igualmente, a vinda do Messias na quarta noite, a que se refere ao êxodo do Egito (JEREMIAS, 1980, p. 225-226).

A imagem do banquete escatológico é uma figura messiânica comum à tradição judaica. Daniélou (2013, p. 171-172) resgata as profecias de Isaías e escritos apócrifos do Antigo Testamento para atestar a promessa messiânica de um rico e suculento banquete (Is 55,1-3). No apócrifo *Livro de Henoc*, afirma-se a presença do Filho do Homem nesse banquete escatológico, o que serve de argumento para Daniélou (2013, p. 172) relacioná-lo com a promessa lucana que encerra o discurso de despedida de Jesus, ao final da ceia (22,29-30).

Segundo Jeremias (1980, p. 132), o caráter noturno da ceia pascal é um forte indício para considerá-la mais em relação ao futuro escatológico que ao passado/presente memorial. Ou seja, a Eucaristia dos primeiros cristãos tinha um acento mais escatológico que memorial. A esperança na parusia era o que motivava os cristãos do século I a celebrar a Eucaristia, antecipando sacramentalmente o retorno do Messias. Participar da mesma mesa de Jesus, hoje, é dom antecipado daquilo que se consumará no Reino definitivo (JEREMIAS, 1980, p. 287).

A declaração de que não mais tomará parte nos banquetes terrenos em vista da iminência do banquete eterno, alimenta nos discípulos a esperança de novos céus e nova terra e a força para resistir às perseguições (BARBAGLIO, 2011, p. 528). Se comungar da mesma mesa é comungar da mesma vida, comungar do mesmo cálice de Jesus é comungar do mesmo destino que ele.

4. Considerações finais

Após a análise da narrativa da última ceia no evangelho segundo Lucas à sua relação com a narrativa da ceia pascal do livro do Êxodo, consegue-se destacar alguns pontos de correspondência.

Obviamente, não é possível determinar com certeza até que ponto houve uma intenção de Lucas em relacionar seu relato da ceia com o evento pascal narrado no Êxodo. Todavia, não se pode desconsiderar a intenção do evangelista em situar a ceia pascal de Jesus em continuidade com a ceia pascal dos judeus. Desde o princípio de seu evangelho, Lucas busca essa integração entre os dois Testamentos, evidenciando de que modo as promessas e expectativas do Povo de Israel se cumprem em Jesus, o Cristo.

Na última ceia de Jesus, portanto, pode-se perceber a celebração de uma única ceia, em que a Páscoa dos judeus é rememorada e a Páscoa do Cristo – e dos cristãos – é antecipada ritualmente. Como foi demonstrado, não se pode entender o relato lucano como argumento para a distinção entre as duas ceias. Nele, a Páscoa da Nova Aliança – e, conseqüentemente, sua refeição ritual – é um complemento à Páscoa da Antiga Aliança. Complemento de consumação, não de substituição.

Os três elementos que se destacam na narrativa lucana da última ceia: protagonismo de Jesus, a presença personificada do mal e a dimensão escatológica da ceia reforçam a especificidade do relato de Lucas em relação com os demais relatos sinóticos. Concomitantemente, contribuem na elaboração de uma teologia própria do evangelista, principalmente naquilo que se refere à relação com a tradição de Israel. Escrevendo para as comunidades helênicas, Lucas resume o núcleo da mensagem salvífica trazida por Jesus: ele é o consumidor da Aliança de Deus com a humanidade, realizada em figura no Povo de Israel.

Referências

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARBAGLIO, G. *Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

BOVON, F. *El evangelio según san Lucas*. Vol. IV. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

DANIÉLOU, J. *Bíblia e Liturgia: A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos II*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FITZMYER, J. A. *El evangelio según Lucas*. Vol. IV. 2.ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2006.

FORTE, Bruno. *As quatro noites da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2012.

FRIDLIN, J. (ed.). *Hagadá de Pêssach*. 14.ed. São Paulo: Editora Sêfer, 1993.

JEREMIAS, J. *La ultima cena: palabras de Jesús*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980.

_____. *πάσχα*. In: KITTEL, G.; FRIEDRIC, G. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Vol. IX. Brescia: Paideia, 1974. p. 963-984.

JOSEFO, Flávio. *Obras completas de Flavio Josefo: Antigüedades Judías*. Libros XIV-XX. Buenos Aires: Acervo Cultural Editores, 1961.

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias; Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.

KARRIS, R. O Evangelho segundo Lucas. In: BROWN, R; FITZMYER, J; MURPHY, R. (orgs.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 217-308.

LEENHARDT, F. *Le Sacrement de la Sainte Cène*. Paris: Delachaux el Niestlé, 1948.

LÉON-DUFOUR, X. *La fraccion del pan: culto y existencia en el Nuevo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983.

MARSHALL, I. H. *The gospel of Luke: A commentary on the Greek Text*. Michigan: The Paternoster Press, 1978.

MONASTERIO, R.; CARMONA, A. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. *Análisis gramatical del griego del Nuevo Testamento*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2008.

Donizeti Aparecido Pugin Souza
Rua Rio Itajaí, 807
Residencial Tuiuti
87043-170 – Maringá PR
donizeti.aparecido@gmail.com

Ildo Perondi
Av. Manoel Ribas, 966
Mercês
80810-000 – Curitiba PR
freildo@hotmail.com